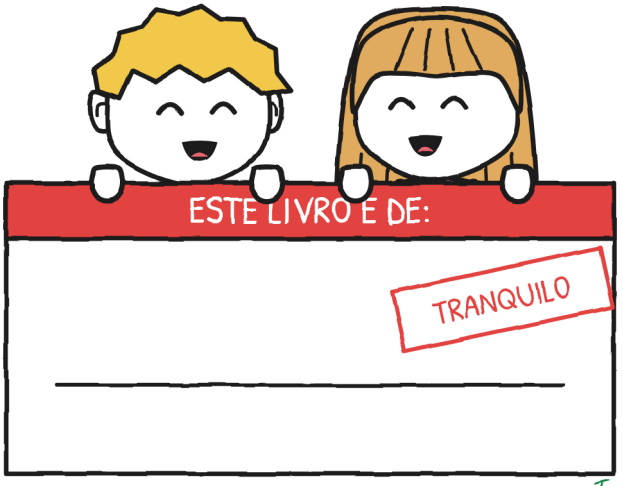


Tranquilo. Até você abrir. –J.

Se você encontrar, devolva. Sem surpresas: ao dono.



Este carimbo marca o que só acontece na história: dragões de verdade não existem e pacotes não voltam voando. Para uma festa de verdade, veja a última página. –J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 5

Um bolo para dois

LinguAula



(o caderno do Guto)

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 5
Um bolo para dois

Quinto livro da série. Os anteriores: “Este pacote morde”, “Não abrir antes do trovão”, “Devolver, por favor” e “Aqui não, Migalha!”.

Texto e ilustrações: LinguAula

Versão em português: LinguAula

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

Primeira edição: 2026

© 2026 LinguAula · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

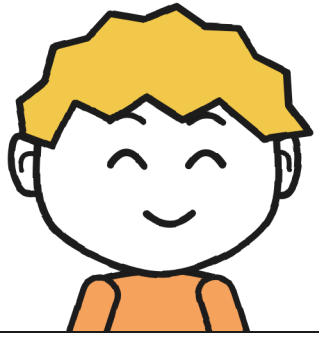
Tipografias: Andika, Patrick Hand, Caveat e Courier Prime (licença SIL OFL).



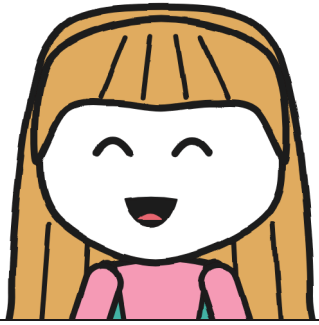
Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Nenhum bolo saiu ferido durante a escrita deste livro. Partido ao meio, sim. —J.

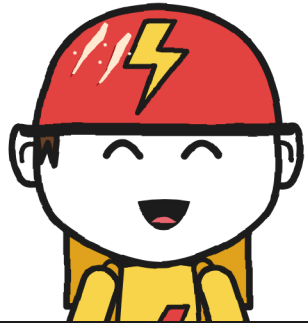
QUEM É QUEM



Guto. Entregador dos sábados. Este caderno é dele. Gosta de tardes tranquilas.



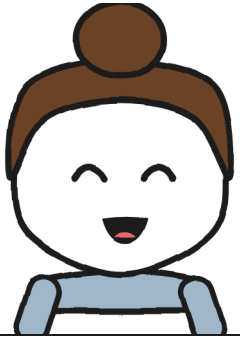
Júlia. Escreve de verde e assina J. Gosta de festas com música. E de surpresas.



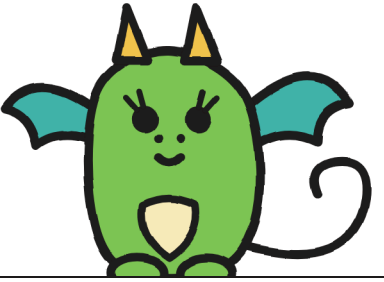
Toninho. Entrega pela RAIO, em dez minutos ou de graça. O que ele não entrega são trapaças.



Mara. A dona da Entregas Impossíveis. Usa chapéu de bruxa. Sabe mais do que diz.



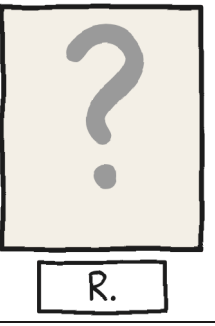
Elisa. A padeira do bairro. Tem um forno e duas mãos.



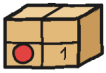
Migalha. Uma filhote de dragão. Mora com a Vera. Gosta de velas. Demais.



O pacote nº 5. Por fora, igual a todos. Na etiqueta está escrito: MONTAR ONDE COUBER.



R. Manda os pacotes que ninguém consegue entregar. Ninguém diz o nome.



CAPÍTULO 1

Dois convites

O caderno 4 acabou com um tênis dormindo, e não me ocorre final melhor para um caderno. O 5 é rosa. Rosa-morango, como a cobertura dos bolos, com o carimbo da loja num canto. A Mara o deixou no balcão no sábado de manhã, sem dizer nada, e começou a alinhar os vidros de tinta com uma atenção de que eles não precisavam. É o jeito dela de não olhar.

Para a primeira página, passei a semana inteira experimentando palavras. No 2 pus OFICIAL; no 3, SECRETO; no 4, DEFINITIVO. Devo ter uma fraqueza por palavras com fechadura. Desta vez não precisei procurar: ela veio sozinha, do jeito que vem o que a gente quer há dias sem ter percebido.

Em cima escrevi CADERNO DE ENTREGAS 5 · do Guto, que é o que se escreve. Embaixo, devagar e com o lápis recém-apontado, uma só palavra:

TRANQUILO.

Sem exclamação. Uma exclamação tranquila seria uma contradição, e com as contradições eu tenho cuidado.

A Júlia estava do outro lado do balcão, debruçada, com a cabeça inclinada como um papagaio que escuta rádio. Não me pediu o caderno. Não precisou: ela lê de cabeça para baixo tão depressa quanto de cabeça para cima, e com bem mais descaro.

— Tranquilo — disse, para a palavra, não para mim.

Tirou a canetinha verde, que já escrevia fraco, puxou o caderno para si com um dedo e deixou embaixo:

"Tranquilo" escreve quem não sabe o que o espera. —J.

Li três vezes procurando o ponto em que ela errava. Não encontrei, e isso me preocupou menos do que deveria.

Para quem chegar a este caderno sem ter passado pelos outros: a loja se chama Entregas Impossíveis e é da Mara, que é bruxa, usa chapéu roxo e tem um carimbo que, ao ser carimbado, solta faíscas com cheiro de vela apagada. Na estante da esquerda ela guarda os devolvidos, pacotes que ninguém conseguiu entregar, todos mandados por R. Se quem recebe um deles não assina a etiqueta com tinta que não apaga, ao amanhecer o pacote volta voando para a prateleira. Eram vinte. A Júlia e eu entregamos quatro: um ovo de dragão, umas sementes com patinhas, um sininho e um kit de chegada. Na parede, em letra verde, está escrito RESTAM 16.

Ontem, sexta-feira, dia 16, foi meu aniversário. Comemorei em casa, com a minha mãe: bolo de limão, duas xícaras e ninguém cantou. Foi perfeito.

O negócio de cantar precisa de explicação, porque lá em casa não é um descuido, é um acordo. Minha mãe tinha perguntado na véspera, com a faca de pão na mão: "Eu canto ou não canto?". Respondi que não. Ela assentiu como quem assina e cumpriu. Cortou o bolo em quatro partes iguais, duas para então e duas para depois, e durante um bom tempo a única coisa que se ouviu foi uma colherzinha numa xícara, a geladeira e, bem longe, um ônibus. O melhor da tarde foi que dava para ouvir o ônibus.

O presente da Júlia eu conto mais adiante. Ele merece o lugar dele.

Para anotar o aniversário como se deve, naquela noite inventei um aparelho. É o quarto da minha carreira, depois do tremômetro, do vermelhômetro e do aquiômetro: um mostrador com um ponteiro, como o de um relógio, e cinco marcas. Zero, silêncio. Um, colherzinhas. Dois, conversa. Três, canções. Quatro, trombeta. Dei o título de O BARULHÔMETRO, "quanto barulho uma festa faz", pus o ponteiro no 1 e embaixo desenhei uma xícara pequena, que era a minha.

A Júlia virou a página sem pedir licença, olhou o mostrador, olhou a xícara e escreveu com a canetinha fraca:

Aniversário com 1 não é aniversário. É lanche. –J.



Fechou a canetinha, apoiou os cotovelos no balcão e disse, como quem lê a ordem do dia:

— Quarta-feira, dia 21, é o meu. E a gente prometeu comemorar juntos.

— Depois do dia 21 — eu disse.

— Sábado, dia 24. Às cinco.

— Às cinco.

Nós dois anotamos. Eu, a lápis, no caderno rosa; ela, em verde, na caderneta pequena, que cobriu com o braço inteiro, como se cobre uma prova. Eu cobri a minha com o cotovelo. Ao

fundo, a Mara carimbou um papel e saltaram faíscas com o cheiro de vela apagada, e nenhum dos dois levantou a cabeça, embora faíscas se cheirem. Ficamos cada um numa ponta do balcão, de lado e meio de costas, duas pessoas escrevendo a mesma data como se cada uma fosse a dona.

Nenhum de nós disse mais nada. Agora me parece estranho que duas pessoas que acabam de combinar uma coisa cubram o que escrevem. Na hora me pareceu que se escreve melhor com o cotovelo no lugar.

Eu já sabia como ia ser a festa. A Júlia, também.

Isto era o que eu sabia.

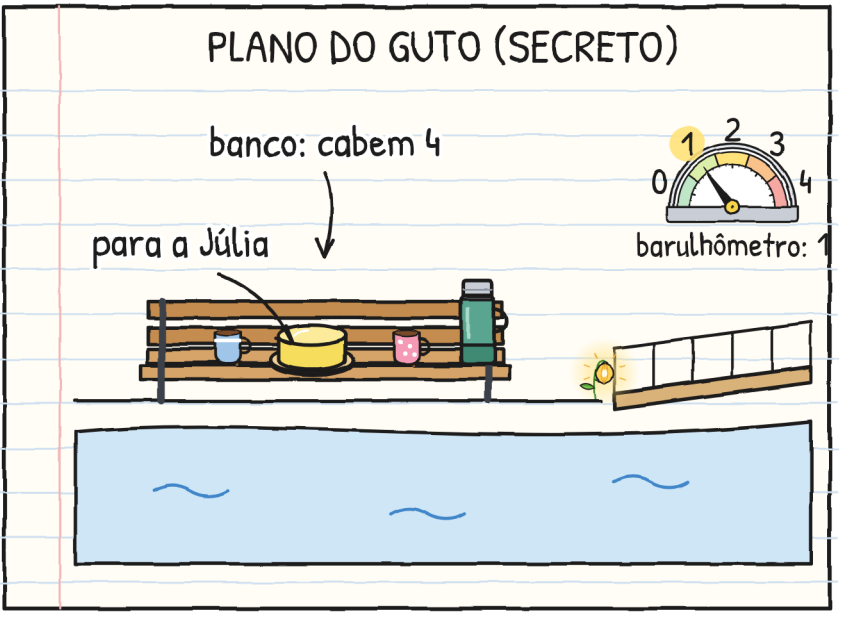
A Júlia precisa de uma tarde tranquila. Ela vive correndo, cronometrando e perguntando, e quando finalmente fica parada dá para notar no pé, que continua indo para outro lugar. Um lanche no banco da passarela, junto do canal, sem barulho, com uma garrafa térmica e um bolo pequeno, ia fazer bem a ela. Eu conheço esse banco. Tem uma ripa solta que balança se você senta na ponta, e é o único do bairro de onde não se vê nenhuma loja. Vou lá quando preciso que nada aconteça.

Seria uma surpresa. Ela não precisaria preparar nada. Só vir. Me parecia o melhor presente possível: um que não dá trabalho.

Eu poderia ter perguntado. Pensei nisso, de pé junto do balcão, com o lápis no ar: "Júlia, você gostaria de uma tarde sem pressa?". Mas uma pergunta tem resposta, e a resposta pode ser que não. Um plano não responde: fica no papel, quieto,

esperando, que é o que a maioria das coisas que eu desenho faz melhor.

Desenhei naquela mesma manhã, na folha seguinte: o banco, o lampião ao pé da passarela, um bolo, duas xícaras e a garrafa térmica. A caminho da loja eu tinha medido o banco. Cabem quatro. Em cima escrevi PLANO DO GUTO (SECRETO), caso restasse alguma dúvida sobre de quem era o segredo.



O que a Júlia fazia eu só soube na sexta-feira seguinte. A página que vem agora eu não escrevi: foi ela que escreveu, depois, no meu caderno, e eu a deixei onde ela pôs, bem ao lado da minha. É onde tem que estar.

Isto era o que eu sabia: o Guto precisa de uma festa de verdade, com música, mesmo sem saber. Se eu perguntar, ele vai dizer que não. Então não pergunto. –J.



As bandeirinhas ela desenhou uma por uma, com uma paciência que eu não conhecia nela.

Ao meio-dia o Toninho voltou de uma entrega. Deixou a bicicleta na porta, entrou sem tirar o capacete e sentou na caixa dele, onde ele senta "por enquanto". Eu carregava desde a manhã quatro envelopes azuis, escritos a lápis com a minha melhor letra e apoiando a mão na beirada para não borrar, e a

Júlia estava lá no fundo, mexendo numa gaveta de fitas adesivas. Calculei que me restavam dez segundos.

— Toma. — Dei os quatro envelopes. — Um é para você. Os outros, para a Mara, a Vera e a Flora. É uma surpresa para a Júlia. Não conte.

— Uma surpresa eu guardo — disse o Toninho.

Disse com a voz com que diz "recebido". Guardou os envelopes na mochila sem olhar, e eu pensei: que sorte, um entregador que não lê o que entrega.

O que aconteceu depois o Toninho me contou na sexta, com a hora, porque na RAIO a hora é metade da história. Eu já tinha ido almoçar quando a Júlia se aproximou da caixa dele com um maço de envelopes verdes preso por um elástico. Eram nove. O Toninho contou duas vezes.

— Um é para você. Os outros, para a Mara, a Vera, a Flora, a Elisa, Don Antonio, a Zoe, o Bruno e a dona da sapataria. É uma surpresa para o Guto. Não conte.

— Uma surpresa eu guardo.

A mesma frase com a mesma cara. Deve ser isso que distingue um entregador de um mentiroso: o entregador não muda a mensagem conforme quem pergunta. Dessa vez, porém, ele abriu os dois dele, o azul e o verde, um depois do outro, como se confere uma nota de entrega. Diziam a mesma coisa: SÁBADO, DIA 24, ÀS CINCO. Depois da hora vinha o lugar, e aí cada um dizia o seu.

Ele me contou sem adjetivos. É o jeito dele de ser gentil.



À tarde fui à padaria da Elisa encomendar um bolo. Cheirava a casca morna e a alguma coisa doce que eu não soube nomear. Ao entrar, com o sininho da porta ainda balançando, ouvi a porta da cozinha se fechar, lá no fundo: uma batida seca, dessas que se dão com o quadril. Me pareceu ver um pedaço de jardineira verde.

Pensei que devia ser outra jardineira. Jardineiras verdes são comuns; é uma cor prática.

Era a minha. A Elisa me tirou pela cozinha. –J.

— Um bolo pequeno de limão — eu disse à Elisa. — Sem nada em cima. Para sábado, dia 24, às cinco, no banco da passarela. É uma surpresa para a Júlia.

Era a segunda vez que eu dizia essa frase num só dia, e já soava como lema.

A Elisa anotou numa folha com a letra redonda dela e espetou com uma tachinha no quadro de cortiça das encomendas. Lá já havia outra folha, virada ao contrário.

— Sábado, dia 24, às cinco? Nesse horário já tenho outro bolo. Para outro lugar.

— De quem?

— É segredo. Como o seu.

Fiquei na ponta dos pés, que é o que faço quando preciso ver o que não me diz respeito e que nunca me serviu de nada. Pensei que devia ser de outra pessoa. Em outubro faz aniversário muita gente. Pensei baixinho, para ouvir como soava, e soava bem: um mês tem trinta e um dias, e o bairro é grande.

— Guardo o seu segredo — disse a Elisa, limpando as mãos no avental. — E o do outro, o dele. Mas tenho um forno e duas mãos. No sábado, às cinco, as duas mãos vão a um lugar só.

— E o outro bolo?

— Isso vocês que encomendaram os bolos vão ter que decidir. Eu faço bolos. Festas, não.

Anotei: "Elisa: um forno, duas mãos, um lugar". Os números eu entendi perfeitamente. O "vocês" deixei passar, como se deixa passar um ônibus que não vai para o seu bairro.

Para mim ela só contou no dia seguinte. Eu também não entendi o "vocês". —J.



Quando voltei à loja, o Toninho tinha esvaziado a mochila em cima do balcão e arrumava os envelopes por cor: os verdes de um lado, os azuis do outro, com o cuidado com que se arruma o que vai ser entregue. Ao terminar, contou de novo. Depois, mais uma vez.

— Guto, você falou da festa com a Júlia?

— Não. É uma surpresa.

— Ah — disse o Toninho. — Na RAIO, pacote com dois endereços não sai da loja.

— Que dois endereços?

— Isso eu não posso dizer. Me pediram segredo.

A RAIO tem regras para tudo, e cada vez que o Toninho cita uma eu dou por boa, mesmo sendo nova para mim. Esta era. Anotei sem entender, no canto da folha do plano, que é onde cabem as coisas que não se encaixam em lugar nenhum.

O Toninho guardou um convite de cada cor no bolso da mochila.

— Estes dois são meus — disse. — Os outros, na segunda.

Então a Mara, que alcança todas as prateleiras sem banquinho de tanto mandar, teve que subir desta vez no banquinho azul para descer com as duas mãos, da prateleira de cima, a caixa do nº 5: igual a todas as da estante, nem maior nem menor. Lá dentro, alguma coisa de madeira fez crac. Na estante ficou um retângulo limpo, do tamanho de sempre, que se somou aos quatro vazios; o cartaz da parede continuou dizendo RESTAM 16.

— A Elisa vem às cinco — disse a Mara. — Finalmente.

Dois envelopes num bolso. Nenhum sabia do outro. Os envelopes, quer dizer. —J.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Este livro existe em seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e em mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L contam a história página por página, com os mesmos desenhos e cada vez mais nuances. O XL é o romance: a mesma história, com espaço para tudo o que o Guto pensa e não diz.

Níveis do QECR indicativos: XXS, pre-A1 · XS, A1 · S, A2 · M, B1 · L, B2 · XL, B2–C1.

Cada um no seu tamanho. O mesmo bolo. —J.

PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com (com as atividades do tamanho L)